

IP



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011



BA

EDITORIAL

Lapsus, a partir da edição número um, se debruçou no estudo do tema “A formação do analista”. As entrevistas com Sérgio de Campos e Elisa Alvarenga trouxeram importantes contribuições para esta pesquisa que compartilhamos com vocês a fim de levá-los a refletir sobre as especificidades epistemológicas, e questões éticas implicadas a cerca deste tema.

Durante esta pesquisa sobre a formação do psicanalista e a criação dos Institutos de Psicanálise do Campo freudiano, me deparei na internet com a propaganda de um curso de psicanálise a distância, que tinha a duração de um ano, exigia que os alunos fizessem análise comprovada neste período e depois deste tempo, receberiam um “diploma” de psicanalista. Um outro curso, além do diploma, oferecia uma “carteirinha” de psicanalista. De um destes cursos destaquei o seguinte: “O curso... prepara o futuro profissional para orientar as pessoas na solução de seus problemas existenciais, tais como: fobias, ansiedades, depressões, obsessões, angústias e crises de toda ordem, nas áreas clínica, escolar, organizacional, institucional e comunitária... Como psicanalista você estará preparado para ajudar as pessoas a desenvolver uma autoestima e autoconfiança positiva e estável e uma personalidade robusta e por isto mais capaz de enfrentar e dissolver suas hesitações, ansiedades, depressões e demais dificuldades emocionais.”.

Neste mundo cada vez mais virtual e instantâneo, onde, a rapidez, a otimização de resultados e respostas imperam, situações deste tipo se tornam comuns – ofertas de garantias, facilidades, economia de tempo, seduzem o sujeito com promessas de títulos, após uma rápida formação. Contrária a esta perspectiva, a formação em psicanálise nas Instituições do Campo Freudiano, é marcada por um trabalho perene, inesgotável frente

ao inconsciente, sustentado pela análise pessoal, estudo, supervisão e atravessada por uma ética que se opõe radicalmente a promessas de cura e saberes absolutos.

Miller, no *Prólogo em Guitrancourt*, um texto de 1988, sobre a o ensino da psicanálise e formação do psicanalista, diz que em parte nenhuma do mundo existe “Diploma de Psicanálise” e que isso se deve a razões devidas a própria essência do que é a psicanálise. O imperativo freudiano que formula que todo analista deve ser analisado é radicalizado por Lacan quando este diz que o fim próprio da análise é a produção de um analista. Deste modo, o ensino, a transmissão em psicanálise leva a marca particularizada desta elaboração de saber sobre o inconsciente, que nenhum certificado ou diploma é capaz de garantir.

No mesmo texto citado acima, Miller situa o ensino da psicanálise no cruzamento entre o público e o privado, a partir do testemunho do passe e do ensino do matema, colocando de um lado, a particularidade do sujeito, confinada a um círculo analítico restrito, e de outro o que do particular pode ser demonstrado e compartilhado com todos. É neste espaço de interlocução que o discurso analítico se encontra com o discurso universitário e onde podemos situar o lugar dos Institutos. Neste espaço Institucional, o ensino é de orientação lacaniana, é sistemático, gradual, ministrado por profissionais qualificados, sancionado com certificados e diplomas, mas, afirma Miller categoricamente, “não é algo que habilite para o exercício da psicanálise”.

Neste percurso, a responsabilidade é de cada um, “depende deles”. Pois o tornar-se analista é efeito de um desejo que advém da análise pessoal, e é um convite à construção de um saber fazer, reflexo do estudo teórico, da transferência de trabalho, da interlocução e da produção individual; e isto, é somente o começo...

Afinados com proposta dos Institutos do Campo Freudiano, nós da Equipe Lapsus, nos orgulhamos em oferecer um espaço, onde o trabalho e a criatividade de cada um, possa florescer e ser compartilhado com todos.

Nesta edição encerramos nossa pesquisa com a segunda parte da entrevista com Elisa Alvarenga, onde ela nos fala da relação da Escola com o Instituto e da participação deste na formação do analista. Célia Salles, gentilmente nos cedeu para publicação suas anotações sobre a Conferência de Nieves Soria, realizada em Vitória no Espírito Santo no mês de agosto. Carla Fernandes nos prestigia com um texto, cuidadosamente preparado, a partir das discussões do caso clínico que apresentou na segunda reunião

clínica do IPB. Não deixem de conferir nossas Janelas Informativa e Cultural e o belo texto de Clarice Lispector que selecionamos para esta edição.

Boa Leitura!

Ethel Poll

Sumário

EDITORIAL	01
Ethel F. Poll	
ENTREVISTA	
Entrevista com Elisa Alvarenga – Parte II	04
Ethel Poll e Christianni Matos	
TEXTOS	
Anotações do Seminário de Nieves Sória	07
Célia Salles	
Apontar o clinâmen do gozo em Psicanálise	10
Carla Fernandes	
JANELAS DO LAPSUS	
Janela Informativa	12
Julia Solano	
Janela Cultural	13
Rogério Barros	
POESIA	
Se eu fosse eu	13
Clarice Lispector	

Entrevista com Elisa Alvarenga – II Parte

Ethell Poll e Christianni Matos

Elisa Alvarenga: A.M.E/A.E. (novembro de 2000) Médica Psiquiatra, Mestrado em Filosofia/UFMG, Doutorado em Psicanálise/Universidade de Paris VIII

Resumo: Esta entrevista tem como objetivo abordar o surgimento do Instituto de Psicanálise, seus fundamentos, sua relação com a Escola, bem como sua participação na formação do analista.

Palavras chave: Instituto de Psicanálise, Escola, saber suposto, saber exposto Psicanálise em intenção e extensão, formação do analista.

Qual a relação do Instituto com a Escola?

Entre a Escola e o Instituto deve haver tanto intervalo quanto articulação. A oposição entre eles estabelece certa tensão entre o saber suposto e o saber exposto, que obedecem a duas lógicas de funcionamento, que se justificam por princípios essencialmente distintos, como formula Jésus Santiago: a lógica da ressonância e a lógica da argumentação, que estimulam, respectivamente, o trabalho de transferência, na experiência analítica, e a transferência de trabalho, onde há transmissão. Há tensão entre o particular e o matema, entre psicanálise em intenção e psicanálise em extensão.

Conforme propõe Bernardino Horne, na Escola a intensão aponta para a extensão, e no Instituto a extensão aponta para a intensão. Em outras palavras, o saber suposto, do particular, deve ser recolhido e formalizado, transformado em matema, passível de transmissão a todos. Já a aplicação da psicanálise, sua extensão, aponta para a necessidade de formação, do praticante, em sua própria análise, ou seja, para a intensão.

A forma específica do saber analítico, que está na base da experiência analítica, é o que anima a experiência da Escola e o que permite ter como seu sustentáculo básico o procedimento do passe. Se no Ato de Fundação Lacan institui o cartel como órgão de base da Escola, regida pelo

princípio da permutação, em 1967 Lacan introduz na Escola o dispositivo do passe, dispositivo próprio para recolher a experiência relatada e formalizada pelo analisante, que poderá levá-lo a ser nomeado Analista da Escola. Se até então a Escola comportava o regime universal para todo x, com a introdução do passe, instaura-se a lógica do não-todo, onde cada analista pode ser uma exceção. É curiosamente depois da introdução do passe na Escola que Lacan criará o Departamento de Psicanálise, transportando para outro lugar as Seções de Psicanálise Aplicada e Recenseamento do Campo Freudiano.

É no Instituto que se dá a formação do analista? De que forma o Instituto participa no processo de formação do praticante?

No Instituto de Minas, cada vez que fazemos a seleção de uma nova turma de alunos, temos o cuidado de explicar-lhes que o nosso Curso de Psicanálise, com duração de dois anos, não é um Curso de Formação, embora ele já tenha se denominado assim no seu início. Tiramos a palavra “formação” do nome do nosso Curso, para evitar que os alunos viessem com a pretensão de se autorizarem aí como analistas.

Sabemos, desde Freud, aquilo que foi ressaltado por Lacan: o analista se autoriza por si mesmo, e com alguns outros; a formação do analista se dá, em primeiro lugar, em sua própria análise. A formação se sustenta em um tripé: análise pessoal, supervisão da prática clínica e estudo da teoria psicanalítica. Na orientação lacaniana, não há um programa standard de formação e cada analisante se forma de maneira mais ou menos contingente na sua frequência da Escola. Lacan subverte a maneira como a IPA instituiu a formação, através da psicanálise didática, desde o Ato de Fundação, que traça uma política para a Escola. Na Proposição, três anos depois, trata-se de saber que garantias de formação a Escola pode dar a seus analistas. Ela introduz uma diferença entre a função do AME (Analista Membro da Escola) como analista reconhecido pelo corpo social e a do AE (Analista da Escola) como analista resultante do passe, ou seja, aquele que conseguiu dar provas de seu final de análise. Todos os critérios de formação, de autorização, deixados de certa forma em suspenso com o Ato de Fundação, são aqui formalizados de tal forma que escapam definitivamente àqueles que se autorizavam de seu silêncio, ou seja, de seu saber suposto. O analista é chamado

a dar suas provas, sejam as provas de sua prática e de suas elaborações, comunicando-as publicamente à Escola, sejam as provas dos resultados de sua análise, formalizando o ato de sua passagem de analisante a analista no procedimento do passe.

De que forma então o Instituto participa na formação? Retomando Miller, diremos que o Instituto é o lugar onde o talento predomina, assim como o trabalho teórico, a competência intelectual, a pesquisa. É no Instituto que os alunos poderão exercitar sua leitura, teorizar sua prática, investigar e escrever. Talvez pudéssemos então dizer que, se a política é a da Escola, trata-se, no Instituto, de desenvolver as vertentes epistêmica e clínica da formação do analista.

No Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, para dar um exemplo, temos as Lições Introdutórias, para aqueles que se aproximam do Instituto, e um Curso de Psicanálise de dois anos, no qual abordamos não somente os fundamentos da teoria tais como o diagnóstico e a transferência, mas temas da prática atual, tais como as passagens ao ato e os sintomas contemporâneos. Na Seção Clínica, temos uma Apresentação de Pacientes que circula entre os vários

Núcleos de Pesquisa: Psicoses, Crianças, Medicina, Toxicomanias, Direito, Educação e Saúde Mental. Um saber vai sendo construído e reformulado, a partir dos casos entrevistados e estudados em detalhe pelos participantes e docentes nos Núcleos. Este ano foi criado o Ateliê de Psicanálise Aplicada, onde ex-alunos e praticantes já freqüentadores da Escola vêm formalizar sua prática, sustentados por uma pragmática de orientação lacaniana. Tudo isso se apóia no Seminário de Leitura do Curso de Orientação Lacaniana de Jacques-Alain Miller, que ocorre na Seção Minas da EBP, como nas demais Seções da Escola, e que instituímos como Seminário de Formação Permanente para os docentes e participantes do Instituto.

Apesar de Miller dizer que o Instituto tenta ser o mesmo nos diferentes lugares, uma vez que ele prioriza o matema como forma de transmissão, cada Instituto, como mostra também o Instituto de Psicanálise da Bahia, trabalhará com as suas possibilidades de articulação e convênios com as Instituições locais, onde estão lotados os membros da Escola que fazem parte do seu corpo docente, e conforme os interesses de

investigação de cada um. Para concluir, eu diria então que é a libido dos membros da Escola que alimenta a produção de saber no Instituto, ao mesmo tempo em que o Instituto estimula, com o saber exposto, a suposição de saber nos membros da

Escola, aos quais os analisantes se endereçam para sua formação.

Anotações do Seminário de Nieves Sória
Nem neurose, nem psicose? Como pensar clinicamente as novas
configurações sintomáticas?

Célia Salles

Com uma interrogação “Nem neuroses nem psicoses?” Nieves Soria inicia o Seminário que apresentou em Vitória do Espírito Santo, em 26/08/2011.

Questão que como nos diz Nieves, abre uma problemática clínica, uma fronteira, um passo sem solução de continuidade, uma zona na qual não se sabe de que lado estamos. É uma neurose? É uma psicose? Uma zona clínica onde encontramos um polimorfismo sintomático, uma diversidade.

Estas nomações de forma intuitiva podem ser abordadas pela matemática, bordas, pontos de fronteira, limites – conceitos matemáticos, que colocam a necessidade de uma decisão - escrever o que não cessa de escrever-se.

Nieves trabalha inicialmente sobre distintos momentos de uma estrutura que recebeu todos os diagnósticos, o caso do Homem dos Lobos, para em seguida trabalhar utilizando a topologia de superfície, introduzindo a problemática de fronteira desde a perspectiva da estrutura: estrutura neurótica aberta, estrutura neurótica não aberta – neurose rudimentar, psicose, psicose não desencadeada e estabilização e finaliza com um trabalho de discussão de casos clínicos, apresentados por colegas de Vitória do Espírito Santo.

1ª parte: Homem dos Lobos – Primeira pedra da problemática de fronteira, ele teve todos os diagnósticos possíveis.

Freud assinala, neste caso, distintos pontos de fixação:

Pulsão oral na neurose alimentar, que Freud compara com a anorexia, neurose rudimentar porque se configura ao redor da zona oral, segundo a lógica de incorporação canibalística, ser devorado pelos lobos.

Sádico-anal, fantasmas masoquistas, para Freud ele acede a genitalidade á fase fálica, praticas genitais com a irmã, primeiro sendo seduzido, masturbação, depois ele seduz e então começa a sentir atrações compulsivas por mulheres camponesas, em posição rebaixada como a mãe no coito anal.

Aos cinco anos a alucinação do dedo cortado e seguro por uma pele, ele vê e não pode falar, volta a olhar e o dedo esta no lugar, Ruth Mac Brunswick retorna a relação entre a alucinação e o nariz.

Freud e o complexo de castração: Freud assinala uma posição inicial de desprezar a castração, frente ao complexo de castração não lhe deu lugar e se ateu à relação pelo ânus.

Lacan toma como o mecanismo da castração, rechaço da castração, desprezo, não havia nenhum juízo da castração. Ao final subsistem duas correntes: uma recusa a castração, outra

aceita e coloca o feminino como substituto.

J-A Miller centrou seu trabalho no estatuto do complexo de castração

Distintos momentos de uma estrutura que recebe todos os diagnósticos:

1° - Neurose alimentar, sai deste sintoma diante da angustia de morte de um tio.

2° - Três anos e meio – Desencadeia a neurose infantil com um sonho, no qual Freud e Lacan colocam em questão o retorno do reprimido, desencadeia a fobia diante da imagem do lobo que a irmã lhe mostrava, se desencadeia a histeria de angustia, todo o corpo é tomado pela angustia.

Para Freud a zona anal é tomada pela conversão, aos quatro anos e meio sofre de incontinência fecal, sintoma que aparece em outros momentos sob a forma de obstipação.

3° - Esta histeria se resolve pela neurose obsessiva, a mãe lhe fala da mitologia cristã e o Homem dos Lobos toma o mito religioso com fins neuróticos, passando a realizar rituais, se preocupando pelo sado-masiquismo dos mitos religiosos, questionava a bondade de Deus porque permitia a crueldade, uma forma de tomar o mito religioso baseado no mecanismo sádico anal. Aos 10 anos tem um preceptor

alemão, que depreciava o mito religioso, o Homem dos Lobos passa a desacreditar na religião cristã de um dia para outro. Em sua análise com Freud, se pergunta se não havia algo chamativo sobre o qual havia que voltar.

4° - Aos 18 anos, doença venérea, fica melancólico quando é internado. Kraepelin diagnostica como Transtorno Bi-polar. Em suas memórias, o Homem dos Lobos relata que mais tarde voltou a estar com Kraepelin e este lhe diz ter errado o diagnóstico, mas não diz qual seria o diagnóstico correto.

5° - Neurose Obsessiva, para Freud seria uma dificuldade com a sexualidade.

Freud lhe dá um prazo e começou a se produzir trabalho – associações, recordações, a análise é interrompida.

6° - Segunda demanda de análise com Freud, uma obstipação que Freud classifica de histeria conversiva, e interpreta que vai se curar.

Surge a certeza de que as coisas não iam funcionar, frente a cada sucesso terapêutico – uma reação terapêutica negativa.

Começa a ter uma preocupação de que teve um dano no nariz por erro médico, pede a Freud que lhe receba e Freud lhe indica Ruth Mac Brunwisch.

7° - Hipocondria paranóide, delírio persecutório, quando se levanta essa preocupação, o paciente perde a certeza do dano no nariz, que era uma preocupação fora da realidade e aparece uma sintomatologia paranóide.

Para Ruth Mac Brunwisch o que desencadeia a hipocondria foi um resto transferencial com Freud, a visão de Freud enfermo desencadeia a hipocondria.

O tratamento com RM, faz um movimento na análise quando trabalha a colocação de HL que diz ser o filho preferido de Freud, HL não se sentia o preferido do pai e ansiava pela morte do pai. Ruth Mac Brunwisch diz que isto se atualiza diante de Freud enfermo.

Quando cede a hipocondria vem a ideia maníaca de ser o filho predileto de Freud, Ruth Mac Brunwisch solta o nó transferencial afirmando que ele não era o filho predileto de Freud, mais adiante volta a se consultar com ela e não teve manifestações psicóticas.

Apontar o *clinâmen* do gozo em Psicanálise

Carla Fernandes

Na segunda sessão clínica coordenada por Bernardino Horne trabalhamos o caso de uma paciente, Martha, que, ao se deparar com a morte de entes queridos, frente a esse real, se inseria em uma série de tentativas de suicídio e *acting-outs* em que se expunha a situações que a deixavam devastada, como dejetos, no lugar de objeto nada.

Na primeira entrevista, em uma unidade de emergência hospitalar, disse que não suportava mais viver porque era *rejeitada* pela família, haviam *desistido* dela. A partir da intervenção da praticante neste momento, remetendo o significante desistir à própria paciente, houve um corte que lhe permitiu demandar o tratamento e seguí-lo no ambulatório da instituição.

Martha não se implicava diante de seus atos e obtinha ganhos no lugar de potencial suicida. “Queria ser como uma criança”, dizia. Dirigir ao campo simbólico o ódio que sentia de si mesma representou para a paciente uma tentativa de significantizar o impossível de dizer e se haver, em alguma medida, com sua posição de gozo em ser rejeitada “até pela morte”.

Como efeito do tratamento começou a trabalhar como acompanhante de pacientes e como funcionária na unidade de saúde mental onde antes era tratada. “Agora sou valorizada por minha família, eles me tratam de outra forma porque reconhecem meu esforço” diz, ainda alienada ao Outro, mas já capaz de responder de um lugar que não fosse tão mortificante via repetição do mesmo.

Dessa forma, o tratamento repercutiu em retificações subjetivas e soluções mais vivificantes a partir da redistribuição de gozo, ao investir nas diversas funções que passou a ocupar no mundo.

Na perspectiva da orientação lacaniana, como nos sugere Miller (2011) no texto *Ler o sintoma*, destacamos que o sintoma não deve apenas ser escutado, deve ser lido, captado pelo analista no discurso do analisante. Ler o sintoma passa por uma operação de redução rumo ao real, ao sem-sentido que escapole ao que é dizível na enunciação. É preciso apontar o *clinâmen* do gozo.

Clinâmen é um termo da filosofia estoicista, utilizado por

Epicuro para apresentar uma teoria dos átomos introduzindo a noção de desvio: os átomos, em qualquer momento de suas trajetórias verticais, podem se desviar e se chocar. A existência da matéria advém da contingência do choque entre os átomos. Miller (2011) nos diz que saber ler o sintoma é apontar a este choque inicial enquanto acontecimento de gozo.

É possível operar no discurso analítico de forma a apontar o clinâmen do gozo quando falamos em Psicanálise aplicada à terapêutica? Para Miller (2001), na Psicanálise aplicada à terapêutica trata-se da psicanálise aplicada ao sintoma, ou seja, há a possibilidade operar produzindo uma redução quantitativa do gozo corporificado no sintoma, de forma que o sujeito se implique nos caminhos que escolhe a partir de retificações subjetivas.

Já a Psicanálise pura, esta diz respeito à psicanálise que conduz o sujeito a saber lidar com seu gozo,

sendo que na conclusão da análise há o surgimento de um analista. Apesar da diferença existente entre ambas, é necessário que a Psicanálise aplicada “permaneça psicanalítica, que ela não ceda sobre seu ser psicanálise” (Miller, 2001. p. 11), ou seja, que esteja orientada pela ética do bem-dizer, tendo no horizonte o fora-sentido, tratando o que é da ordem do gozo.

Apontar o clinâmen do gozo, portanto, corresponde a um ponto de intersecção na direção do tratamento em Psicanálise pura e em Psicanálise aplicada à terapêutica. No caso apresentado na sessão clínica, a paciente, atendida inicialmente em uma Unidade de Emergência de um hospital e, em seguida, no ambulatório desta instituição, pôde se haver, em alguma medida, com sua posição frente ao seu modo de gozo. Dessa forma, é preciso operar de modo que o sujeito saiba fazer uso do sintoma, acessando nele o que há de real para, no só depois, poder servir-se dele.

Janela Informativa

Julia Solano

Teoria da Clínica

Em setembro, a atividade do IPB, Teoria da Clínica, trouxe para discussão um belíssimo caso atendido por Ana Stela Sande, com comentários precisos de Bernardino Horne.

A próxima reunião acontecerá:

Quando: 03 de novembro de 2011.

Onde: Sede da EBP/IPB

Hora: 19h30min – Início

Quanto: R\$ 50,00

Entrada franca para alunos dos cursos do IPB e praticantes do CPCT.

XVII Jornada da EBP-BA

XIII Jornada do IPB

O Sinthoma e a Nova Ordem Simbólica

Convidado- Pierrri Skriabine – AME da ACF – Paris

Lembramos a todos que a programação encontra-se disponível na revista

Agente, que encontra-se disponível no endereço:

<http://agente.institutopsicanalisebahia.com.br>

Quanto: profissionais R\$ 200,00

estudante(graduação)R\$150

Onde: Sede EBP/IP

Quando: 20 a 22 de Outubro de 2011.

Revista Agente

A Equipe Lapsus aproveita para parabenizar a comissão editorial da revista Agente, lançada na última quarta-feira (05/10/2011) e disponível no endereço: <http://agente.institutopsicanalisebahia.com.br>. Neste número da revista é

possível encontrar, além da entrevista com Eric Laurent intitulada de “O Supereu Sob Medida”, textos de Pierre Skriabine, Bernardino Horne, Reinaldo Pamponet, Marcela Antelo, Ana Stela Sande, François Ansermet, Vera Lúcia Santana e Iordan Gurgel.

Janela Cultural

Rogério Barros

Em setembro de 2011 estreia no Teatro Vila Velha, o espetáculo “Alugo Minha Língua”, a nova montagem de Fernando Guerreiro, a partir do texto inédito de Gil Vicente Tavares.

O espetáculo discute, através de uma encenação marcada pela linguagem da performance e com um viés musical acentuado, as relações entre a perversão humana, a sexualidade e a sociedade de consumo. A peça visa explicitar, à luz do conceito de *modernidade líquida* do sociólogo polonês Zygmunt Bauman,

como a urgência e a espetacularização da sexualidade nas sociedades contemporâneas resultam no esvaziamento das relações humanas e no tédio.

Um texto interessante, bastante atual e em total sintonia com o tema da nossa Jornada este ano. Vale a pena conferir!

Onde: Teatro Vila Velha

Quando: 23.09.2011 a 16.10.2011

Sexta a domingo

Quanto: R\$ 20,00 e R\$10,00

POESIA

Se eu Fosse Eu

Clarice Lispector

“Quando não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria”? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase "se eu fosse eu", que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, sentir.

E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.

"Se eu fosse eu" parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei,

experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. “Não, acho que já estou de algum modo adivinhando porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais”.

(Texto extraído do livro A Descoberta do Mundo, Clarice Lispector, editora Rocco, pg. 156).

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano Rogério Barros e Wilker França

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com